

NARRATIVAS DOS SONHOS POSSÍVEIS: A APRENDIZAGEM REMOTA NA PANDEMIA EM UMA PERSPECTIVA FREIRIANA

NARRATIVES OF POSSIBLE DREAMS: REMOTE LEARNING IN THE PANDEMIC PERIOD FROM FREIRE'S PERSPECTIVE

NARRATIVAS DE POSIBLES SUEÑOS: EL APRENDIZAJE REMOTO EN LA PANDEMIA DESDE UNA PERSPECTIVA FREIRIANA

Aline Gomes da Silva
Instituto Federal de Goiás

RESUMO. Em 2020, devido à pandemia da COVID-19, sem tempo suficiente para se prepararem, alunos e professores deixaram a sala de aula para vivenciar uma experiência de aprendizagem remota. A fim de compreender como tem ocorrido esse processo de ensino-aprendizagem, foram entrevistados 26 discentes de 17 e 18 anos de idade, matriculados no terceiro ano do ensino médio de uma escola pública localizada no interior de Goiás. Com esse estudo de caso, pretende-se apresentar os desafios enfrentados pelos participantes nessa modalidade de ensino perante ao isolamento social e ao uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), as quais tornaram-se instrumentos indispensáveis na atualidade. Para gerar os dados, utilizou-se o instrumento "Questionário" por ele conceder ao participante a oportunidade de explorar sua subjetividade em suas respostas, cabendo a ele decidir o que e como respondê-lo. Por sua vez, como apoio teórico para realizar-se a análise dos dados, recorreu-se às obras freirianas devido ao fato de que Paulo Freire defende uma pedagogia que abraça os oprimidos, estimula a autonomia e oferta esperança àqueles que, muitas vezes, são silenciados pela intolerância à diversidade e pela alienação. Espera-se que esse estudo seja um meio de reflexão sobre o ato de ensinar, considerando que o ensino exige vários fatores internos e externos, tais como: respeito aos saberes dos educandos, rejeição a qualquer forma de discriminação, disponibilidade para o diálogo e, acima de tudo, a convicção de que a mudança é possível.

Palavras-chave: Narrativas. Pedagogia. Aprendizagem remota. Pandemia.

ABSTRACT. In 2020, due to the COVID-19 pandemic, without enough time to get prepared, students and teachers left the classroom to experience a remote learning experience. In order to understand how this teaching-learning process has occurred, 26 students aged 17 and 18, enrolled in the third year of high school in a public school located in the interior of Goiás, were interviewed. -to present the challenges faced by participants in this type of education in the face of social isolation and the use of New Technologies of Information and Communication, which have become indispensable instruments. To generate the data, the instrument "Questionnaire" was used, as it gives the participant the opportunity to explore

Aline Gomes da Silva

their subjectivity in their answers, and it is up to them to decide what and how to answer it. In turn, as theoretical support to carry out the data analysis, Freire's works were used due to the fact that Paulo Freire defends a pedagogy that embraces the oppressed, encourages autonomy and offers hope to those who are often silenced by intolerance to diversity and alienation. It is expected that this study will be a means of reflection on the act of teaching, considering that teaching requires several internal and external factors, such as: respect for the knowledge of students, rejection of any form of discrimination, availability for dialogue and, above all, the conviction that change is possible.

Keywords: Narratives. Pedagogy. Remote Learning. Pandemic.

RESUMEN. En 2020, debido a la pandemia del COVID-19, sin tiempo suficiente para prepararse, alumnos y profesores dejaron el aula para vivir una experiencia de aprendizaje remota. Con el objetivo de comprender cómo se ha desarrollado ese proceso de enseñanza-aprendizaje, se entrevistaron 26 discentes de entre 17 y 18 años de edad, matriculados en el tercer año de la enseñanza media de una escuela pública localizada en el interior de Goiás. Con ese estudio de caso, se pretende presentar los desafíos que enfrentan los participantes en esa modalidad de enseñanza ante el aislamiento social y el uso de las Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación, las cuales se convirtieron en herramientas indispensables en la actualidad. Para la generación de los datos, se utilizó el instrumento "Cuestionario", ya que así el participante tiene la oportunidad de explorar su subjetividad en las respuestas y de decidir qué preguntas responder y cómo hacerlo. A su vez, como soporte teórico para la realización del análisis de datos, se utilizaron las obras freirianas, pues Paulo Freire defiende una pedagogía que abraza a los oprimidos, fomenta la autonomía y ofrece esperanza para aquellos que, muchas veces, son silenciados por la intolerancia a la diversidad y por la alienación. Se espera que ese estudio sea un medio de reflexión sobre el acto de enseñar, considerando que la enseñanza exige varios factores internos y externos, tales como: respecto a los saberes de los estudiantes, rechazo a cualquier forma de discriminación, disponibilidad para el diálogo y, principalmente, la convicción de que el cambio es posible.

Palabras clave: Narrativas. Pedagogía. Aprendizaje remoto. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

Criar meu web site, fazer minha home-page.
Com quantos gigabytes se faz uma jangada.
Um barco que veleje [...]. Eu quero entrar na
rede, promover um debate. Juntar via
Internet. Um grupo de tientes de Connecticut.
Gilberto Gil, Pela Internet.

No dia 26 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de COVID-19 e, em 17 de março do decorrente ano, foi confirmada a primeira morte pelo vírus no Brasil¹. Descontroladamente, o número de óbitos foi crescendo e, como medida de segurança, os estados decretaram o lockdown, paralisando as atividades comerciais, exceto os serviços considerados essenciais, a saber, atendimento médico, farmácia, supermercados e serviços de entrega (*delivery*).

As pessoas, bombardeadas e assustadas com as notícias catastróficas divulgadas pelas mídias, tiveram que aderir ao isolamento social como a única tentativa de minimizar a contaminação e proliferação do vírus. Suas rotinas foram drasticamente modificadas. Sem poder ir ao trabalho ou à escola, as pessoas sofriam as consequências desse vírus em seus lares com o enfrentamento do desemprego, de doenças emocionais, do medo de contaminação e da incerteza de um futuro promissor.

Um novo modelo de ensino também precisou entrar em cena. Dentre as várias pessoas envolvidas no sistema de educação brasileira, discentes e docentes precisaram se adaptar ao Ensino Remoto. Da sala de aula à tela do computador, ambos tiveram que conciliar estudo, trabalho, afazeres domésticos e cuidados com a família. Ambos tiveram que lidar com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), para alguns ainda desconhecidas; para outros, precárias. Se, outrora, as NTICs já estavam ganhando espaço nas escolas, sendo considerada como um instrumento que

¹ <https://link.ufms.br/IR1zl>. Acesso em 27 de julho de 2021.

Revista Edutec - Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente, Campo Grande, v. 1, n. 1, 2021.

auxiliava na ministração dos conteúdos e, primordialmente, na preparação dos alunos para o futuro (PRENSKY); hoje, as NTICs são o carro-chefe no processo de ensino-aprendizagem. A questão é se todos – educadores e educandos – estavam preparados para essa mudança repentina. Ambos tiveram que lidar com os desafios da aprendizagem remota em tempo de pandemia em seus lares, muitas vezes, sem estrutura física adequada que lhes oferecesse conforto e silêncio necessários para lecionar ou estudar e aprender.

O fato é que a pandemia da COVID-19 trouxe consequências para todos, justificando, assim, a pertinência deste trabalho cujo objetivo geral é compreender como tem ocorrido o ensino-aprendizagem remoto e quais fatores puderam (des)favorecer esse processo. Para tal, em dezembro de 2020, foram entrevistados 26 discentes de 17 e 18 anos de idade, matriculados no terceiro ano do ensino médio de uma escola pública localizada no interior de Goiás. Com esse estudo de caso, pretende-se apresentar os desafios enfrentados pelos participantes nessa modalidade de ensino perante ao isolamento social e ao uso das tecnologias, as quais tornaram-se instrumentos indispensáveis na atualidade.

Inicialmente, pediu-se que os alunos respondessem a um questionário composto pelas seguintes perguntas:

1. Qual é a sua idade?
2. Você mora com quantas pessoas?
3. Quais benefícios você consegue citar decorrentes do isolamento social devido à pandemia em 2020?
4. Quais são as vantagens do Ensino Remoto?
5. Quais são as desvantagens do Ensino Remoto?
6. Você tem dificuldade de usar as tecnologias para estudar e participar das aulas síncronas?

7. Escreva uma frase que descreva como são as aulas remotas.

Segundo Hall (2012), o questionário tem como meta diagnosticar, ou seja, obter dos pesquisados tipos específicos de informação (idade, sexo, escolaridade etc.) e sobre suas particularidades (hábitos, opiniões, experiências de vida etc). Este instrumento de pesquisa foi utilizado nesse estudo por acreditar que, ao respondê-lo, os participantes constroem suas narrativas com liberdade, gerando dados pertinentes para análise. Ao responder ao questionário, os participantes podem explorar sua subjetividade, isto é, eles têm oportunidade de narrar sucintamente um evento particular de sua vida (REES; MELLO, 2011).

Nesse caso, os alunos pesquisados deixam aflorar suas subjetividades perante a aprendizagem remota na pandemia com suas narrativas. Para Hall (2012), as narrativas são consideradas uma forma particularmente poderosa de discurso por serem fontes históricas impregnadas de subjetividade. Segundo a autora, as narrativas são uma forma de dar significado retrospectivo, ou seja, através delas, os narradores podem dar forma e organizar suas experiências do passado e, ao mesmo tempo, apresentar seu ponto de vista (e de outros) através de suas experiências.

Vale aqui ressaltar que manter-se-á o anonimato dos participantes porque este estudo de caso não tem como foco o indivíduo per se. Conforme mencionado, este estudo visa provocar uma reflexão sobre os fatores que permeiam o processo de ensino-aprendizagem remoto, o uso das NTICs e o que o ato de ensinar exige dos educadores e educandos, em especial, nesse cenário de pandemia. Portanto, as narrativas futuramente mencionadas servirão de ilustração, sem interesse algum de enfatizar o narrador.

Dando continuidade ao estudo, o item a seguir apresenta a análise dos dados tendo como base os estudos freirianos (FREIRE, 2017, 2020, 2021a, 2021b, 2021c).

2 DA SALA DE AULA À TELA DO COMPUTADOR: DESAFIOS DA APRENDIZAGEM REMOTA EM TEMPO DE PANDEMIA

Conforme mencionado anteriormente, os dados aqui apresentados são oriundos de narrativas sucintas sobre os desafios que os participantes têm enfrentado em seu processo de ensino-aprendizagem remoto e com o uso das NTICs. A análise desses dados foi realizada à luz dos estudos freirianos porque acredita-se que não há como falar de um processo de ensino-aprendizagem com igualdade, autonomia e esperança sem citar Paulo Freire, pois este defende uma pedagogia que abraça os oprimidos, estimula a autonomia e oferta esperança àqueles que, muitas vezes, são silenciados pela intolerância à diversidade e pela alienação (FREIRE, 2020, 2021a, 2021b, 2021c).

Falar de educação é falar de igualdade; e falar de igualdade no Brasil é algo complexo, pois nossa história é marcada pela desigualdade e, conseqüentemente, pela desumanização.

A desigualdade social é um problema histórico e estrutural, herança do nosso período colonial e que funciona como um ciclo que se alimenta com o passar dos anos, sustentado pela má distribuição de renda. Ou seja, determinados indivíduos se encontram em condições estruturalmente mais vantajosas do que outros, e esta posição os permite acumular ainda mais riqueza em detrimento dos demais (...). O Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, segundo o último relatório divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), ficando atrás apenas de nações do continente africano, como África do Sul, Namíbia, Zâmbia, República Centro-Africana, Lesoto e Moçambique².

A desigualdade existe; todavia, Paulo Freire (2020, p. 41) afirma que a desumanização é resultado de uma “ordem injusta que gera a violência dos opressores” e que isso não deve ser visto como um destino dado. Segundo o autor, devemos lutar pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas.

² <https://link.ufms.br/hvhRB>

Essa realidade se fez presente em uma das narrativas desse estudo. O relato é um exemplo da desigualdade social. Sabe-se que enquanto muitos possuem uma casa grande e confortável, outros dividem um casebre sem condições básicas. Uma aluna de 18 anos, participante da pesquisa, afirma que mora com 8 pessoas e que isso dificulta muito na concentração visto que não há um lugar específico para estudar, falta-lhe privacidade e, principalmente, ânimo para participar das aulas remotas.

Ainda sobre a desigualdade social, outro desafio enfrentado com a pandemia que interfere no processo de ensino-aprendizagem foi o aumento do desemprego no Brasil e o avanço da inflação.

Com o impacto da pandemia no mercado de trabalho, a taxa de desemprego foi de 14,7% no trimestre encerrado em abril. Assim, permanece no nível recorde da série histórica no país, iniciada em 2012. (...) Em 2021, não bastasse o desemprego em alta, brasileiros também amargam o avanço da inflação. A combinação de fatores acaba diminuindo o poder de compra das famílias no país³.

Diante desse cenário, os alunos precisaram trabalhar para ajudar na renda familiar, tendo que conciliar o trabalho precoce com as atividades escolares. Muitos relatam que, enquanto os pais saem para trabalhar, as atividades domésticas e os cuidados com os irmãos menores ficam por sua responsabilidade, sobrecarregando-os. Frases como “ter outras coisas para fazer em casa acaba atrapalhando a estudar” e “com o trabalho, meu rendimento escolar caiu bastante, minha vida desregulou totalmente, minha rotina que demorei a inserir se perdeu no caminho”, ilustram o prejuízo resultante da desigualdade social.

Além de terem a casa cheia, sem espaço com uma infraestrutura que lhes garanta um estudo de qualidade, os alunos também precisam lutar com tecnologias precárias: falta de computador, aparelhos celulares antigos e falta de *internet* para conectarem às aulas remotas e baixarem as atividades e

³ <https://link.ufms.br/Y7EI3>

Revista Edutec - Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente, Campo Grande, v. 1, n. 1, 2021.

Aline Gomes da Silva

materiais complementares com eficácia. As seguintes narrativas ilustram esses problemas:

“Nem sempre estamos com uma conexão estável e dificulta a manter o foco”.

“A internet cai toda hora, alguns professores não gostam que cheguemos atrasados na aula mesmo sabendo que eventuais problemas relacionados a aparelhos eletrônicos, em casa ou com a internet possam acontecer”.

“Não ter um local adequado de estudo, não ter a interação aluno-professor, muito conteúdo e atividades em pouco tempo causam maior distração e desinteresse”.

A maioria dos alunos narraram não ver nenhuma vantagem no Ensino Remoto. Além dos problemas anteriormente citados, foram citados problemas de saúde com o excesso de uso das tecnologias tais como: “Utilizo muito o celular para a leitura de PDFs e para assistir aula, faz doer minha visão e minha cabeça frequentemente. Me sinto mais cansada do que quando eu acordava para ir à escola”. Além da saúde física, a emocional também foi afetada com a pandemia. Nas palavras dos participantes da pesquisa: “Desenvolvi síndrome do pânico, desisti de meus planos futuros” e “Minha ansiedade piorou, tive outros problemas de saúde, meu aprendizado nas aulas também ficou complicado”. Analisando as narrativas dos participantes desse estudo, percebe-se que a depressão, o pânico, a insegurança e o medo os têm acompanhado em seu processo de ensino-aprendizagem nesse cenário de pandemia, isolamento social e aulas remotas. Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre o que é o pânico e o que pode ser feito pelos educadores e educandos a fim de minimizar esse mal. Grosso modo,

[a] síndrome do pânico é um tipo de transtorno de ansiedade no qual ocorrem crises inesperadas de desespero e medo intenso de que algo ruim aconteça, mesmo que não haja motivo algum para isso ou sinais de perigo iminente. Quem sofre do

Transtorno de Pânico sofre crises de medo agudo de modo recorrente e inesperado⁴.

Para Freire (2021c), cabe à escola estar atenta à questão da dificuldade, à questão do difícil e às razões que estão contribuindo para o sentimento de medo aflorar, pois há sempre uma relação entre medo e dificuldade. Nas palavras do autor, o medo é um “sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário”; e, por sua vez, “o pânico é o estado de espírito que paralisa o sujeito em face de um desafio reconhecido sem nenhuma dificuldade como absolutamente superior a qualquer tentativa de resposta” (FREIRE, 2021c, p. 73). Freire (2021c) acrescenta que é preciso lutar para não permitir que o desafio ultrapasse os limites do medo desenvolvendo o pânico, pois tanto o medo como o pânico possuem forças para paralisar o sujeito, impedindo-o de enfrentar a situação desafiante; não podem fazer com que desistamos sem tentar, sem se esforçar. Kohan (2021, p. 74) reforça a concepção freiriana mencionando como é preciso proceder perante ao medo:

[...] primeiro, nos certifiquemos, com objetividade, da existência das razões que nos provocam o medo. Segundo, se existentes realmente, compará-las com as possibilidades de que dispomos para enfrentá-las com probabilidade de êxito. Terceiro, que podemos fazer para se for o caso, adiando o enfrentamento do obstáculo, nos tornemos mais capazes para fazê-lo amanhã.

Embora o “convívio familiar” tenha sido citado como um dos fatores positivos do isolamento social (*“Ver e conversar mais com quem mora comigo. Antes nos víamos apenas de noite e atrapalhava nossa comunicação”*), houve relatos enfatizando que o conflito familiar interferiu no processo de aprendizagem. Sem poder ir ao trabalho, à escola e a outros lugares para espairecer, a família precisa lidar com as diferenças dentro de seu próprio lar. Para os alunos, enfrentar o isolamento social está sendo uma tarefa árdua. Eles sentem saudades das aulas presenciais, da proximidade dos professores e do afeto dos colegas de classe. Argumentam também que a distância dificulta o

⁴ www.minhavidacombr.com.br. Acesso em: 28 de julho de 2021.

Revista Edutec - Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente, Campo Grande, v. 1, n. 1, 2021.

Aline Gomes da Silva

aprendizado dos conteúdos ministrados. Nas palavras dos participantes, *“não gosto do ensino remoto, presencialmente me dedicaria mais”* e *“no ensino remoto tem muito conteúdo e atividades em pouco tempo, maior distração e desinteresse”*.

Freire diz que “educar é um ato amoroso” (FREIRE in KOHAN, 2019, p. 123). Acredita-se que não há como falar em um ensino remoto bem-sucedido se não for apoiado na pedagogia do amor. Mais do que nunca, precisamos de empatia e solidariedade. O mundo tem sofrido com a COVID-19. Não há como ensinar conteúdos ignorando a realidade dos oprimidos. Parafraseando Freire (2018), Kohan (2019, p. 128) explica:

[o] amor é uma condição da verdade dos atos tanto dos opressores quanto dos oprimidos. No caso dos opressores, mede a verdade solidariedade de suas ações; no caso dos oprimidos, sua rebelião amorosa inaugura uma vida verdadeira, livre, uma passagem do amor à morte para o amor à vida. Os amores à vida, ao mundo e aos seres que habitam são considerados, nessa mesma obra, uma condição do diálogo e da própria pronúncia do mundo, na medida em que eles são atos de criação e recriação. Mais ainda, o amor é diálogo enquanto expressão de coragem e compromisso com a libertação dos oprimidos que, ao mesmo tempo, torna possível o amor, pois não é possível o amor quando há opressão.

Em suma, ensinar nesse cenário marcado por óbitos, incertezas e medo, tem sido um grande desafio aos educadores também, pois precisam compreender as dificuldades dos alunos e, ainda, saber lidar com seus próprios problemas oriundos da pandemia, inclusive lidar com as NTICs em suas aulas remotas. A educação torna-se uma luz de esperança aos oprimidos. “O amor pedagógico transforma: quem ama ensinar não sai da mesma forma depois de ensinar, não pode ensinar da mesma forma, porque quem ama, aprende ao ensinar. Ensinando, aprende” (KOHAN, 2019, p. 130).

Freire (2017, p. 119) afirma que “ninguém é superior a ninguém”. Essa frase é muito significativa no contexto que estamos vivendo, pois cada um está enfrentando sua luta, seja ela financeira ou referente à saúde física/emocional.

Aline Gomes da Silva

Ao dizer que “ninguém é superior a ninguém”, Freire (2019) sugere uma educação emancipadora. Uma educação que possa romper com a desigualdade presente nos níveis econômicos, políticos, social, cultural, educacional. O desafio, portanto, está em desenvolver a igualdade na vida, dentro e fora da escola. Nas palavras de Kohan (2019, p. 81):

[...] todas as vidas são iguais; todas as vidas têm igual potência de vida; não há vida superior a outra vida, dentro ou fora de uma sala de aula, dentro ou fora de qualquer espaço educativo. Uma educação política parte do princípio de que todas as vidas valem igualmente e são igualmente capazes de colocar em questão a vida individual e social.

Por outro lado, alguns alunos conseguiram ver vantagens no ensino remoto, tais como a praticidade e o conforto de estudar em casa, livrando-se da distância que necessitavam enfrentar no trajeto casa-escola. Conforme narração: *“Não preciso acordar muito cedo e pegar 4 ônibus por dia”*. Infelizmente, essa “vantagem” narrada é um indício da desigualdade social. Na Constituição Brasileira, art. 205, lê: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho⁵”; todavia, é sabido que nem todos têm a oportunidade de usufruir desse direito como respeito, dignidade e com qualidade garantida. Com compromisso e responsabilidade, muitos labutam para estar nas escolas e construir seu sonho de um futuro mais promissor, diferente dos quais seus pais vivem e lhes podem oferecer.

A Constituição Brasileira também garante a igualdade a todos os cidadãos no artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes⁶”, contudo, Kohan (2019, p. 87) alerta

⁵ <https://www.senado.leg.br>. Acesso em: 28 de julho de 2021.

⁶ <https://www.senado.leg.br>. Acesso em: 28 de julho de 2021.

Aline Gomes da Silva

que “a afirmação da igualdade é desmentida no tecido da vida social”. Em suas palavras,

[é] evidente que não somos todos de fato iguais em nossas sociedades, que alguns estão acima e outros abaixo, que alguns podem mais do que outros, pelo menos em determinados sentidos, como o social, o cultural e o econômico, nos quais, no sistema capitalista, há claramente inferiores e superiores. Também as instituições escolares parecem desmentir aquela igualdade: alguns sequer conseguem entrar nelas, ou são logo expulsos; outros passam por elas com sucesso, do início até o fim, na idade certa – alguns, muito mais rapidamente do que outros (KOHAN, 2019, p. 87).

Os alunos também narram que se sentem mais protegidos por estudar em casa, assim correm menos risco de contaminação do vírus. Em meio ao caos, os alunos descrevem a aprendizagem remota como “Complicada, mas estamos indo” e “Foi o que deu para fazer no momento”. Essas narrativas levam a refletir sobre a importância de fazer algo, mesmo que seja errando, pois, ao errar, aprende-se. Com amor, autonomia, tolerância e esperança é necessário deslocar-se. De acordo com Kohan (2019, p. 154-155), “Paulo Freire prefere sempre fazer em vez de não fazer (...). O mundo é excessivamente desigual para não fazer nada”.

“As aulas remotas são mais cansativas, embora sejam mais curtas” e “São de certa forma muito rápidas e entendemos menos o conteúdo que nas aulas presenciais”, narram os alunos. Percebemos a partir das narrativas que há ainda um longo caminho a seguir. Há muito ainda a se aprender sobre a aprendizagem remota. Tem-se muito o que fazer para melhorar o processo de ensino-aprendizagem remoto. Contudo, o mais importante no momento, é extrair o aprendizado mesmo que seja do erro. Nas palavras de Kohan (2019, p. 143),

[...] um educador é alguém que anda, caminha, se desloca... Sem um destino final cria as condições para se encontrar como que estão fora... num tempo presente, de presença... O educador anda o mundo para mostrar que ele sempre pode ser

de outra maneira. Uma educação política parte do princípio de que o mundo pode ser de outra maneira, e, para que o mundo possa ser de outra maneira, o educador anda errando no caminho da educação. O mundo está aberto, e o errar dará lugar a um outro mundo que não podemos antecipar.

O intuito deste estudo não é dar uma fórmula para lidar com as dificuldades provindas do ensino remoto, mas direcionar a uma reflexão sobre quais são os desafios enfrentados na pandemia em relação ao processo de ensino-aprendizagem e como minimizar seus efeitos negativos. Para tal, considerando as narrativas dos participantes desse estudo e as teorias freirianas (2017, 2020, 2021a, 2021b, 2021c), conclui-se esse estudo fazendo um levantamento do que pode ser feito para se ter uma aprendizagem remota de qualidade.

Como mencionado, devido à pandemia, o cenário da educação brasileira teve que passar por mudanças bruscas e se adaptar à nova realidade, independente de se ter poucos recursos tecnológicos para ofertar uma educação inovadora e sem que os gestores, educadores e educandos tivessem uma experiência prévia. A fim de minimizar os efeitos negativos dessa transição ensino presencial versus remoto, compreende-se que é preciso pesquisar, questionar e buscar soluções para que se possa ter uma aprendizagem remota de qualidade mesmo com as dificuldades apresentadas nas narrativas dos participantes desse estudo de caso. Freire (2021b, p. 30) alega que,

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Perante o exposto, conclui-se que para se ter uma educação de qualidade é preciso refletir criticamente sobre a prática e estar em busca de melhorias com pesquisas ontológicas e epistemológicas. Além disso, é

Aline Gomes da Silva

também preciso respeitar e aproveitar os saberes dos alunos nas aulas. É preciso compreender que ensinar não se limita em mera transferência de conhecimento: tanto professores como alunos constroem o aprendizado em parceria. Cabe aos professores e à escola compreender que,

[...] saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2021b, p. 47).

Sob essa perspectiva, professores e alunos ensinam e aprendem reciprocamente. Valorizar, usar esse conhecimento e permitir que os alunos tenham voz são formas de compartilhar a responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem com eles e isso faz com que desenvolvam autonomia. Segundo Freire (2021c, p. 58), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. De todos os males causados pelo vírus COVID-19, ficarão vários ensinamentos, dentre eles: professores e alunos precisam arriscar, aceitar o novo e rejeitar qualquer forma de discriminação.

Em suma, pode-se dizer que é dever dos professores e da escola,

[...] não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (...). Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? “Porque, dirá um educador reaccionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por mesmos”. (FREIRE, 2021c, p. 32).

A educação é uma forma de intervenção no mundo que só pode ser feita quando se está aberto ao diálogo. Dialogar é expor seu posicionamento com respeito às diferenças entre si e o outro e, sobretudo, saber escutar sem a falsa suposição de que se sabe tudo. Na verdade, “não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele” (FREIRE, 2021c, p. 111). Escutar é uma forma de querer bem o outro e de reconhecê-lo. Nas práticas pedagógicas, é de supra importância que a fala do educador democrático não silencie seus educandos. Sua fala, de acordo com Freire (2021c, p. 115), deve ser feita “num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio (...). Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é ‘cortado’ pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala”.

A dialogicidade, dessarte, não exclui as aulas expositivas. Professores e alunos devem saber que sua postura em sala de aula, seja presencial ou remota, é dialógica, ou seja, “aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve” (FREIRE, 2021c, p. 83). Freire reitera que professores e alunos devem se assumir epistemologicamente curiosos.

As NTICs, dentre várias outras utilidades, têm sido ferramentas empregadas para explorar a curiosidade. Com suas características de praticidade e agilidade, os alunos adquirem informações em tempo real e constroem seus conhecimentos mais facilmente pela variedade de oportunidades que o mundo virtual lhes oferece. Não há como ignorar essa riqueza e silenciar o aluno. Se a internet já fazia presente em suas vidas, com a pandemia tornou-se indispensável, considerando as aulas remotas. Kensky (2007, p. 43) corrobora tal argumento ao afirmar que a educação e a tecnologia são indissociáveis:

[...] assim como na guerra, a tecnologia também é essencial para a educação. Ou melhor, educação e tecnologias são indissociáveis. Segundo o dicionário Aurélio, a educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação.

As NTICs, se bem utilizadas pelos educadores, podem se tornar importantes ferramentas para desenvolver tanto as habilidades outrora mencionadas por Prensky (2012) no âmbito da escrita (saber se expressar com clareza, de forma convincente e artisticamente) como outras competências que envolvem outros campos do *savoir faire* tais como: organizar e dirigir situações de aprendizagem, envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, trabalhar em equipe, utilizar novas tecnologias, enfrentar os deveres e dilemas éticos de sua profissão, administrar sua própria formação contínua etc. (PERRENOUD, 2000).

Grosso modo, pode-se dizer que o grande desafio das NTICs na educação é gerar mudanças no sujeito para que este seja capaz de modificar os que estão ao seu redor e a sociedade no qual está inserido. Freire (2021b) alega que mudar é necessário e que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência (FREIRE, 2021b, p. 74-75b).

Freire (2021b) afirma que o sujeito não pode ser neutro nesse mundo. Não pode passar pela vida sem modificar o caminho que percorre e a si próprio. Longe da acomodação, professores e alunos devem tomar decisões, fazer escolhas, intervir na realidade. Problemas virão, a exemplo com a chegada de um vírus e das mazelas decorrentes dele, todavia não é na resignação que o sujeito se (re)afirma, mas sim na rebeldia em face das injustiças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *internet* invadiu a vida das pessoas nesse cenário de pandemia. Com o *lockdown*, as pessoas passaram a fazer suas atividades corriqueiras com somente um clique. Ir ao banco, ao mercado, às lojas não era mais permitido ou, se fosse serviço essencial, tinha que ser agendado, seguir os protocolos de segurança e ir com restrições. Visitar parentes e amigos tornou-se proibido pelo medo e pela preocupação em evitar contaminação e proliferação do vírus COVID-19. Os abraços e beijos foram substituídos pelas chamadas de vídeo. Os *shows* foram substituídos pelas *Lives*. As conversas paralelas nas salas de aula foram substituídas pelo silêncio e pelas câmeras desligadas dos aparelhos celulares e computadores.

Retomando a epígrafe citada nesse estudo, a música “Pela internet” de Gilberto Gil foi composta em 1998 com o fim de abordar a questão tecnológica e a rápida evolução dos equipamentos usados no cotidiano. Após 22 anos, essa música representa mais do que nunca nossa realidade: seja para entretenimento, informação ou conhecimento, as pessoas estão conectadas, resolvendo com praticidade e agilidades suas demandas.

A questão é que nem todos estão preparados para esse mundo tecnológico. A desigualdade existe, embora ninguém seja desigual a ninguém (KOHAN, 2019). Há muito o que fazer para romper essa dicotomia “superior

versus inferior” em nossa sociedade e, essas ações devem ser pensadas, ensinadas e vividas no âmbito escolar.

A pandemia chegou trazendo inúmeros problemas, mas trouxe ensinamentos. Educadores precisaram aprender e usar as pedagogias do oprimido, da esperança, da autonomia, da tolerância, da esperança e dos sonhos possíveis. Precisaram amar o ensinar e ensinar a amar (FREIRE, 2017, 2020, 2021a, 2021b, 2021c). Os educandos também precisaram aprender! Aprender não somente os conteúdos ministrados das disciplinas, mas aprender a não deixar que seu medo em face do difícil os paralisassem. Precisaram aprender a não permitir que o pânico roubasse sua força de vencer os desafios (FREIRE, 2021c).

Vários foram os desafios narrados neste estudo de caso, mas os discentes participantes de pesquisa demonstraram estar enfrentando e superando seus medos decorrentes da pandemia COVID-19 sem interromper seus estudos há aproximadamente 2 anos: de 2020 a 2021, sempre com a esperança da vinda de dias melhores no âmbito da política, da educação e saúde brasileiras. Espera-se que todas as dificuldades enfrentadas decorrente do vírus COVID-19 se tornem experiência e crescimento pessoal e profissional. Freire (2021c) aconselha alunos e professores a não cometerem o erro de recuar em face das dificuldades. O autor se auto reconhece como um aventureiro responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente e sugere que as pessoas sejam assim também. Para Freire o ser humano é inacabado e essa condição de inconclusão é que dá vida aos seres humanos, o que os motiva a caminhar adiante.

Segundo Freire (2021a), é preciso alegria e esperança no processo de ensino-aprendizagem para juntos poderem aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e resistir aos obstáculos. Em suas palavras, “a esperança faz parte da natureza humana (...) é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a

desesperança é o aborto desse ímpeto” (FREIRE, 2021a, p. 70). Ele afirma que sem esperança, não há história.

Finalizamos esse estudo com a citação de Kohan (2019, p. 142), deve-se “fazer o que se queira fazer; ser o que se queira ser; tentar, pelo menos, o que se quer tentar, com uma única condição: que a tentativa seja amorosa”. Baseando-se na ideologia do amor, Paulo Freire acredita que somente o amor pode sustentar uma vida filosófica na educação: “um amor de resistência àquilo que nega uma educação para todos, àquilo que a máscara, a afasta e a dilui” (KOHAN, 2019, p. 139).

Espera-se que esse estudo de caso possa contribuir com outros da área da pedagogia e afins. Espera-se que esse estudo contribua para que educandos e educadores reflitam sobre seus medos e ações e que lutem por mudanças em busca de seus sonhos possíveis: mudanças no sistema educacional, mudanças em seu próprio jeito de pensar e agir, mudanças na sociedade que estão inseridos.

4 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, A. M. A. (Org.). **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: o manuscrito. Projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios de Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, Uninove; BT Acadêmica, 2018.

Aline Gomes da Silva

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 28. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. 31ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021c.

HALL, J. K. **Teaching and researching language and culture**. Harlow: Pearson Education, 2012.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KOHAN, W. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia**. 1ª ed. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PRENSKY, M. **Teaching the right stuff**: not yesterday's stuff or today's – but tomorrow's!". Educational technology, maio/junho 2012, p. 01-03.

REES, D. K.; MELLO, H. A. B. **A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira**. Cadernos do IL. Porto Alegre, n. 42, p. 30-50, jun. 2011.

Sobre a autora

Aline Gomes da Silva

Aline Gomes da Silva

Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, especialização em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Goiás e em Língua Inglesa pela UniEvangélica. Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Goiás - campus de Anápolis e coordenadora do Curso Técnico Integral em Comércio Exterior.

E-mail: aline.gomes@ifg.edu.br

Submetido em 30 de Julho de 2021.

Aceito para publicação em 05 de Novembro de 2021.

Licença de acesso livre



A **Revista Edutec** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto nos periódicos científicos.